

fim, não um enriquecimento erudito do indivíduo, mas uma consciencialização progressiva operada pelo Homem sobre si próprio, o Universo, e as relações do Homem com o Universo. Por ela, o Homem transforma-se gradualmente, sobrepondo-se constantemente e automaticamente ao seu determinismo próprio, da sociedade e da História; por ela o Homem, sem deixar de ser matéria e máquina, supera a matéria e a máquina.

Êsse é o único Dever positivo que se oferece ao Homem: — mais rico, mais vasto e profundo, de mais amplos horizontes que o Dever metafísico da especulação clássica.

Por ela, Êle caminha constantemente na História numa progressão espiraloide susceptível de um desenvolvimento e enriquecimento sem fim: que o mesmo é dizer, num desenvolvimento e enriquecimento *humano* sem fim.

*

Integrar as novas tentativas de cultura neste vasto horizonte — que se esboça já no caos da crise actual — é uma das grandes tarefas a realizar pela mocidade: e assim a revista «*SÍNTESE*», por ela fundada, pode ser considerada, entre nós, uma das primeiras tentativas neste sentido.

A B E L S A L A Z A R



DE EPICURO

É preciso não retardar, quando se é jovem, o momento de filosofar, nem deixar de filosofar quando se é velho: porque nunca é demasiado cedo nem demasiado tarde para a saúde da alma. E aquele que diz que ainda não é chegado o tempo da filosofia, ou que já passou, semelha um homem que dissesse ainda não ter chegado, ou já ter passado, o tempo da felicidade. De maneira que o jovem e o velho devem ambos filosofar, um para que a sua velhice seja rejuvenescida pelos bens que recorda com gratidão, o outro para que a sua juventude seja amadurecida pela serenidade perante o futuro. É preciso pois meditar sobre as coisas que compõem a felicidade, visto que, quando a temos, temos tudo, e quando nos falta, tudo fazemos para a possuir.

(Carta a Meneceu)